

Apontamentos de leitura: a casa de Bernarda Alba



Kelly Cristine Correa da Silva Mota*

Resumo:

Este texto apresenta breves apontamentos de leitura do livro *A casa de Bernarda Alba*, do escritor espanhol Federico García Lorca (1898-1936). Publicado como uma peça de teatro no ano de 1936, a obra parte do enclausuramento das mulheres de uma família em um vilarejo espanhol. Enclausuramento, esse, determinado pela matriarca, para apresentar situações de opressão, tirania e autoritarismo; temas pertinentes não somente à época social e política que vivia a Espanha, mas também às relações sociais no âmbito micro-social. O objetivo deste texto é divulgar o livro e inspirar o apreço pela obra, conforme interesses pessoais ou possibilidades de estudos em sala de aula.

Palavras-chave:

Literatura. Leitura. Federico García Lorca.

Abstract:

This paper presents brief reading notes on *The House of Bernarda Alba*, by the Spanish writer Federico García Lorca (1898-1936). The work was published as a play in 1936 and starts with the enclosure of women from a family located in a Spanish village. The enclosure, which is determined by the family's matriarch, displays situations of oppression, tyranny and authoritarianism. Such issues are not only relevant to the Spanish social and political era, but also to the social relations in the microsocial scope. The aim of this paper is to spread the word about the book and to inspire the appreciation for the work according to personal interests or study possibilities in classroom.

Keywords:

Literature. Reading. Federico García Lorca.

Apontamentos de leitura: a casa de Bernarda Alba

Este texto tem como objetivo compartilhar anotações da leitura do livro *A casa de Bernarda Alba*, de Federico García Lorca. Essas anotações contêm, além de uma síntese da narrativa, indicações temáticas, passíveis de aprofundamento, conforme interesses pessoais ou estudos regulares em sala de aula. O estilo de texto utilizado em apontamentos caracteriza-se pela brevidade, objetividade e pessoalidade da escrita. Aqui, não há compromisso com investigações científicas sobre o autor ou a sua obra, ou ainda, preocupações com anúncio crítico de publicações recentes. A intenção é divulgar o livro e inspirar sua leitura a partir do apreço pessoal pela obra.

* > Professora de Sociologia no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAp-UFRGS). E-mails: kellysociologia@gmail.com e kelly.mota@ufrgs.br.

Federico García Lorca (1898-1936), poeta e dramaturgo espanhol – mais precisamente da região de Andaluzia, ao sul da Espanha – viveu à época da ascensão do general Franco e da ideologia de extrema direita, nos anos trinta do século XX. Adepto a ideias de esquerda e homossexual assumido, Lorca fora perseguido mais, provavelmente, pela sua condição sexual do que pelos seus ideais políticos. Após sua morte, por militantes do regime franquista no início da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), seus livros e suas peças foram proibidos na Espanha até 1971. Fora contemporâneo e amigo do cineasta Luis Buñuel e do pintor Salvador Dalí, ambos falecidos na década de oitenta do mesmo século.

O livro que ora apresento, *A casa de Bernarda Alba* – uma tragédia – foi publicado no ano de 1936 e apresentado no formato de uma peça de teatro em três atos. Trata-se da última peça de uma trilogia que inclui também *Yerma* (1934) e *Bodas de sangue* (1933).

O cenário da obra é um vilarejo na Espanha. A cena que inaugura o texto é a do velório de Antonio Maria Benavides, de quem Bernarda Alba é viúva. Após os ritos funerários, Bernarda, suas cinco filhas (Angústia, Madalena, Amélia, Martírio, Adela) e sua mãe de oitenta anos, Maria Josefa, encerram-se dentro de casa para um período de luto de oito anos, sob ordem e vigilância de Bernarda. Também aparece a criada Pôncia, de sessenta anos de idade, que está há muitos anos com a família. A casa é, a partir daí, o cenário da peça.

Interessante observar que a casa é, histórica e socialmente, o local destinado às mulheres. O luto implicaria não se vestir ou se maquilar: as mulheres se limitariam a bordar e a costurar. Ainda que o preparo do enxoval seja para um possível casamento, há um sentimento ambíguo em relação aos homens: o casamento é uma maneira de se livrar do jugo de Bernarda, mas casar, ter um homem, significa continuar sob a mesma relação autoritária.

Em uma cena do segundo ato, as mulheres costumam, bordam e conversam sobre casamento e filhos. Angústia e Amélia, a partir da experiência de uma vizinha, pensam que as mulheres são “sacrificadas” pelos filhos (LORCA, 2000, p. 54-55). Um pouco adiante, a irmã Amélia chega a dizer que “[...] nascer mulher é o pior castigo” (LORCA, 2000, p. 56). Bernarda é extremamente autoritária e castradora; vigia todos os passos das filhas, mesmo dentro de casa: de tal forma que Madalena chega a referir que “[...] nem nossos olhos nos pertencem” (LORCA, 2000, p. 56). Um acessório importante de Bernarda é a bengala, sua “[...] vara dominadora” (LORCA, 2000, p. 97), como ela mesma a nomeia, a qual usa para bater, afastar e amedrontar as pessoas, e com a qual também exige silêncio.

Outro elemento, que pode ser tomado como uma relevante metáfora do texto de Lorca, é o calor. Todas as personagens reclamam do calor intenso e sufocante, assim como é, de fato, o ambiente social e da casa. Há sempre um cuidado com os vizinhos e com seus comentários, “o que elas/eles irão dizer?”. A única vez que Bernarda autoriza a saída de casa das filhas é para participar de uma perseguição de moradores do vilarejo a uma vizinha que teve um filho fora do casamento.

Em outra situação, Bernarda conversa com a criada Pôncia sobre Pepe Romano, um pretendente de Angústia, e considera que “[...] há coisas que não se pode nem se deve pensar. Eu ordeno” (LORCA, 2000, p. 65). Ao final, Adela, que sempre se encontrou às escondidas no curral com Pepe Romano, pretendente oficial de sua irmã, quebra a bengala de Bernarda. Ao longo da narrativa, essa personagem representa a resistência ao poder materno, à clausura e à tradição.

Na cena derradeira, Adela enforca-se, Pepe Romano consegue fugir do local onde se encontravam e foram descobertos pelas outras moradoras da casa. Bernarda dá orientações para que se encubra o comportamento de Adela e ordena: “Denspirem Adela! Minha filha morreu virgem! Levem para seu quarto, vistam seu corpo como o de uma donzela. Não digam nada a ninguém! Ela morreu virgem. Avisem que ao amanhecer os sinos baterão duas vezes” (LORCA, 2000, p. 99). Sua última frase é, por três vezes, ordenando silêncio.

Por meio das metáforas e das personagens, como a própria Bernarda Alba e sua bengala, Lorca tece críticas contundentes ao momento social e político pelo qual passava

a Espanha. Sobretudo há uma forte crítica à situação opressora e castradora para com as mulheres, num modelo patriarcal de família e de sociedade. Além disso, há outros temas que a peça promove e sugere, ainda contemporaneamente, como motivos para o teatro e o cinema. Dentre eles, destacam-se a tradição que oprime; a opressão das mulheres; a repressão da sexualidade; mulheres fortes que assumem funções/características masculinas; o peso social sobre o indivíduo, especialmente sobre a mulher; a falsa representação da harmonia familiar; a crítica à família patriarcal e aos governos autoritários/ditatoriais, temas pertinentes à época social e política que vivia a Espanha, mas também que permeiam relações sociais cotidianas em todos os lugares e tempos. Nesse sentido, um texto atemporal, que pode, muito bem, ser apresentado e apreciado em sala de aula.

Referência

LORCA, Federico García. *A casa de Bernarda Alba*: drama de mulheres em vilarejos da Espanha. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.